



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A CHARGE E SEU TEOR POLÍTICO E ARGUMENTATIVO NA AULA DE LÍNGUA MATERNA

Antonio Peterson Nogueira do Vale

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

petersonacademico@gmail.com

RESUMO

A prática de sala de aula de língua portuguesa não pode se restringir à gramática normativa. É imprescindível que o processo de aprendizagem perpassa a escrita e a leitura de textos diversos para que o aluno possa se situar socialmente. O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre situações sociais a partir da prática da sala de aula de língua materna como espaço democrático de interação, caráter próprio da linguagem, como afirma Bakhtin (2011). O resultado é despertar no discente a proposta da leitura e produção de textos. Como a gramática não é suficiente para as possibilidades da língua, a necessidade de se ir além do texto prescritivo é fato demonstrado nas abordagens de Antunes (2007) e (2003), sempre definindo a interação como proposta efetivamente concreta e social. Com efeito, as abordagens analíticas deste trabalho é demarcar, sob os aspectos interacionais, o gênero charge, a argumentação social e política como proposta para a sala de aula. As charges foram retiradas do Novo Jornal – que circula na capital potiguar, no início de agosto de 2016. A abordagem será feita através da orientação metodológica de focalizar o conteúdo temático atrelado ao contexto de produção, que encontra respaldo na pesquisa exploratória, por ser um estudo de caso, mas também se apraz na pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: charge, Natal, segurança pública, aula de língua materna.

INTRODUÇÃO

O ensino de língua materna não é apenas o ensino (ou a mediação) da gramática. Na verdade, a gramática é o veículo de prescrição da norma culta da modalidade escrita, mas que não é suficiente para abranger as tantas possibilidades da oralidade. Com efeito, nesse particular aspecto, o ensino tradicional tem perdido a força no que diz respeito à formalização dessa transmissão. É falaciosa a ideia de que a educação de “língua portuguesa” apenas deve ensinar a gramática e, mais ainda, que essa disciplina não dá conta das possibilidades orais e de outros gêneros discursivos que devem estar presentes em sala de aula.

A escola não pode negligenciar o fato de que a oralidade é ponto de partida dos estudantes e que, para eles, deve ser voltada a educação. Em todos os níveis da educação, a oralidade é sempre a primeira a se desenvolver e a se perceber e, ato contínuo, a ser negligenciado pela educação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tradicional. Assim, promover a interação a partir do conhecimento do aluno, para debates, por exemplo, é uma das finalidades da aula de língua portuguesa.

No entanto, não é o caso de negar o valor da gramática, mas, sim, de adequá-la ao seu lugar de importância. Autores mais progressistas, como, por exemplo, Irlandé Antunes, Marcuschi e Charles Bazerman, só para ilustrar, dão ênfase maior à comunicação através de gêneros textuais e produção escrita para mediar o conhecimento, que perpassa o viés social.

O objetivo precípua deste artigo é mostrar a reflexão que se deve fazer em sala de aula a partir da troca dialógica entre alunos, mediados pelo docente, de textos que circulam socialmente e com os quais há alguma familiaridade.

A “charge”, objeto de investigação deste trabalho, enquanto gênero, foi eleita para a análise por se tratar de texto que dialoga diretamente com a sociedade e que, em tese, os alunos têm acesso, muitas vezes pela fácil compreensão do assunto abordado. Assim, serão investigados os discursos verbal e não verbal demarcados em três charges, identificando, descrevendo e interpretando as formas linguísticas desse gênero. A pesquisa se dá de forma exploratória, a partir de análise de dados, a saber, as charges colhidas nos noticiários locais, aliada à pesquisa bibliográfica. O interesse é observar o teor subjacente ao texto e as intenções comunicativas do chargista, além de pressupor quais conhecimentos o leitor deve ter para o bom entendimento da leitura e o poder argumentativo delas na cena natalense.

Além dos autores citados, nosso trabalho terá a ótica dos pressupostos de Bakhtin, uma vez que, para ele, pensar as práticas de leitura e escrita é um exercício social. Outros estudiosos da área também serão invocados para responder à necessidade metodológica da discussão, pois é consenso entre os teóricos que investigam essa área que é de essencial importância a escolha de um gênero textual sob um ponto de vista amplo e social.

Visto isso, é interessante que se repense a prática do ensino de língua materna, reorganizando também o seu objeto de estudo, passando a extrema importância da gramática para a prática textual, tanto na escrita, quanto na leitura e interpretação dos diversos gêneros à disposição da sociedade.

As charges analisadas são locais, oriundas de mídias impressas – mas também disponibilizadas em meios digitais pelo próprio jornal, em sua conta na rede social *Instagram*. Elas são do site “Sorriso Pensante”, do chargista Ivan Cabral e relacionam-se à onda de violência na capital potiguar no final de julho e início de agosto de 2016. Escolhemos charges recentes por entendermos que a aproximação com o público leitor é mais rápida e interessante. Além de serem



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

textos que se renovam tão rapidamente quanto as notícias do próprio jornal, embora algumas charges tenham um caráter quase atemporal devido a sua disposição midiática do conteúdo.

1. METODOLOGIA

A perspectiva que tenta reorientar o objeto de ensino e aprendizagem envolve também a metodologia da sala de aula, uma vez que se deve reorganizar todas as práticas que envolvem a aula de língua portuguesa.

Para Antunes (2003), há um novo direcionamento da aula de língua portuguesa, desde o Ensino Fundamental, embora ainda exista, em longa escala, o ensino reducionista da análise da frase isolada, descontextualizada, para demonstrar os aspectos gramaticais, como sujeito, predicado e outras funções sintáticas. De acordo com essa análise limitante, para a autora (2003, p. 19): “ficam reduzidos, naturalmente, os objetivos que uma compreensão mais relevante da linguagem poderia suscitar – linguagem que só funciona para que as pessoas possam interagir socialmente.”

Se a linguagem é a ferramenta de interação social, a gramática não corresponde ao todo dessa comunicação, ficando, assim, limitada à função de orientar a escrita formal da língua portuguesa, que também tem parte na relevância social. Antunes (2007, p. 41) endossa:

Para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber *apenas* as regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outras.

A conclusão é que gramática e língua não são equivalentes. Bazerman (2011, p. 22), ao analisar uma situação hipotética de comunicação oficial entre docentes e discentes de uma instituição, percebe que a quantidade de textos produzidos contendo fatos sociais é grande e sugere que “cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos anteriores que influenciam a atividade e a organização social.”

A escola, igual a qualquer outra instituição social, deve prever a admissibilidade da língua nas variantes possíveis e tornar isso plausível dentro de seus objetos de ensino e aprendizagem. Além do que as próprias orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, 1999) requerem um novo pensamento sobre o papel da gramática em sala de aula. Marcuschi (2008, p. 40) ao fazer uma incursão sobre a linguística no século XX e se detendo nas novas tendências do objeto de ensino nos anos 1950-1960, caracteriza alguns desdobramentos teóricos, de forma contumaz, dentre eles, está: “a percepção e a identificação da variação social da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

linguagem (...)” Logo, é interessante permitir que o aluno discorra sobre os problemas localizados na sua vivência e que sejam respeitados na forma como se manifestam.

O texto, de um lado, é entendido como um aporte social de que toda a sociedade dispõe – seja oral ou escrito; de outro, a aula de língua materna pressupõe uma variação social da linguagem, temos, num silogismo possível, que a língua portuguesa deve servir para fazer intercâmbio de comunicação entre os falantes, usuários da língua. Bakhtin (2011, p. 282, 283), discutindo a importância dos gêneros, alega que a língua materna “não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam.”

Assim, a comunicação, inclusive as conversas mais coloquiais, são intermediadas por um gênero discursivo qualquer. Para Bakhtin (2011), os gêneros são relativamente estáveis e têm características básicas próprias. Para o cartunista e professor universitário DJota Carvalho (2006, p. 15), as linguagens gráficas mais comuns no mundo do desenho são: “cartuns, charges, caricaturas e tiras” e ainda adverte que a confusão entre as terminologias é possível: “se muita gente que desenha confunde os tipos ¹de humor gráfico, imagine então quem não está acostumado com eles.”

Sobre a charge, o próprio DJ Carvalho (2006, p. 16), ao falar sobre a etimologia da palavra, traduzida do francês como “tensão” ou “ataque” vai clarear o entendimento a respeito do gênero, mostrando o caráter político do desenho num âmbito social, cultural ou político: “Justamente por isso, a charge é um importante elemento histórico e está atrelada a determinada época ou acontecimento.”

Como a charge apresenta uma linguagem não verbal e/ou verbal, na maioria das vezes, e, também, intercalada com a linguagem mista, ela pode ser caracterizada como gênero secundário, ao que Bakhtin (2011, p. 276) diz que introduzem uma ideia complexa, aparecendo em contextos de comunicação mais complexa e relativamente mais evoluída.

Na sala de aula contemporânea, no universo das redes sociais, os alunos sempre têm o que dizer ao outro e, via de regra, redes como o *whatsapp*, *Facebook* e *Instagram*, servem como suporte para a troca de informações entre os discentes e, também, para difusão de gêneros discursivos diversos, como a charge. Essa diversidade, já apontada por Bakhtin, é fruto da infinita possibilidade de comunicação, uma vez que a língua não é uma forma pronta, mas plástica.

¹ Entenderemos a expressão “tipos de humor gráfico” não como sinônima para “gêneros textuais (ou discursivos)”, que se opõe a “tipo (ou sequência) textual”, mas como a prática do mercado do desenho.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Analisar a charge, presente essencialmente em jornais, em livros didáticos e, sobretudo, em mídias digitais, é instigar o leitor ao raciocínio crítico promovido pela própria sociedade, uma vez que a sua demarcação é temporal. É possível o não entendimento de uma charge por um leitor de outra época – mesmo um leitor da mesma época que não está conectado ao mundo global pode não entender a crítica presente na charge. Espindola (2001) afirma que a leitura deve ser proficiente e que cabe ao leitor a interpretação correta das referências históricas e políticas.

Nesse trabalho, faremos a análise de três charges de um momento crucial para a segurança da cidade do Natal, levando em consideração os aspectos sociais e os elementos verbais e não verbais dos textos em referência. As charges foram retiradas do jornal de circulação local, o Novo Jornal.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As charges escolhidas são do mesmo autor, haja vista a disponibilidade de seus textos em um site público, o “sorriso pensante”. Ademais, a tônica se deu a partir de uma onda de violência ocorrida no final do mês de julho e início de agosto de 2016, com frustrantes resultados de vandalismo na capital potiguar e outras cidades do interior do estado.

É analisada a linguagem verbal e não verbal, além da crítica política e social presente no gênero examinado. A experiência de leitura adotada parte do pressuposto de um leitor proficiente e “conectado” à realidade social descrita. O posicionamento das charges aqui elencadas se dá pela ordem de publicação, indo da menos recente à mais recente.

Charge 1



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O



Fonte: <http://www.ivancabral.com/2016/08/charge-do-dia-medo.html>

Acesso em 13 de agosto de 2016.

Essa charge publicada no site do próprio autor no dia 02 de agosto de 2016 e também no jornal para o qual trabalha, o Novo Jornal. A charge mostra uma família presa em casa por conta do medo instaurado em Natal a partir de uma onda de violência prometida (e cumprida) por agentes do tráfico depois de uma medida decisiva da Secretaria de Segurança em instalar bloqueadores de celular na unidade prisional da cidade da região metropolitana da capital, Parnamirim. O desenho das grades – que deveriam encerrar os presos e não as famílias – é formada pela palavra medo, que também dá nome à charge, colaborando com a ideia que o chargista quer transmitir.

As ameaças dos agentes do crime se deram através de áudios no *whatsapp* e se propagaram pela cidade e pelo estado inteiro, além de vídeos de curta duração mostrando os estragos. Na ocasião, muitos áudios foram espalhados pela cidade, muitos não passavam de “brincadeiras de mau gosto” de uma parte da população divulgando boatos e amedrontando mais ainda a sociedade. A polícia local chegou a prender algumas pessoas que estavam disseminando boatos.

Charge 2



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O



onte: <http://www.ivancabral.com/2016/08/charge-do-dia-bloqueio-de-celular-nos.html>

Acesso em 13 de agosto de 2016

Essa charge, que trata da mesma situação do primeiro texto acima, aborda com um senso crítico mais aguçado, o resultado da instalação do bloqueador no Presídio Estadual de Parnamirim/RN. Ela foi publicada no site do próprio chargista no dia 03 de agosto de 2016 e também no Novo Jornal, no mesmo dia, além de estar na rede social *Instagram*.

A partir de um humor satírico, o chargista aponta uma suposta venda de celular dos detentos, uma vez que não faria mais sentido possuir o aparelho já que o bloqueador foi acionado. Fica clara a intenção de criticar o sistema penitenciário da cidade e região que tem dificuldade em manter a segurança pública. A imagem, intitulada “Bloqueio de celular nos presídios”, que mostra o muro do presídio e a mão de um penitenciário colando um cartaz de venda de celular, em bom estado, mistura linguagem verbal e não verbal, provocando riso e reflexão. Pode haver uma nova crítica instaurada na charge: a possibilidade de venda de mercadorias, dentro do presídio, pelos presos.

A situação dos presídios na região metropolitana é caótica e demonstra uma necessidade urgente de medidas como a que foi tomada recentemente pela secretaria de segurança, coibindo o uso de celular dentro do presídio. A medida foi aprovada por mais de 80% da população, fazendo, inclusive, crescer a popularidade do governo do Estado.

Charge 3

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



Fonte: <http://www.ivancabral.com/2016/08/charge-do-dia-proibido.html>

Acesso em 13 de agosto de 2016.

Essa terceira charge, de título “Proibido”, igual às outras, foi publicada no Novo Jornal e também no site do chargista, no dia 5 de agosto, além do *Instagram*. Esse texto dialoga com a situação que a cidade enfrenta no tocante à violência e ao novo aplicativo “Pokémon Go”.

O desenho retrata o muro do presídio com uma placa onde está representado a proibição do personagem Pikachu da série Pokémon, numa alusão ao game que se tornou viral em tão pouco tempo. Ainda no desenho, percebe-se um celular sendo jogado do presídio, uma vez que o detento não poderia mais usar celular nem para se comunicar, nem para jogar.

Essa charge parece mostrar uma desistência do detento em abandonar de fato o celular por diversos motivos, mas, também, por ser “privado” do lazer que o aplicativo promove. Todavia, manchetes jornalísticas posteriores à data de publicação mostram que a onda de violência ainda persistia, mesmo com a presença de tropas do exército na cidade, solicitadas pelo governador ao Ministério da Justiça.

Algumas manchetes dos jornais locais (impressos ou digitais) confirmam os fatos das charges:

a) **Natal sob ataque do crime organizado** (Novo Jornal, 30 de julho de 2016 – via *Instagram*)

b) **Bandidos aterrorizam o RN** (Tribuna do Norte, 30 de julho de 2016 – mídia impressa)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

As facções criminosas que agem a partir do interior dos presídios cumpriram as ameaças e deflagraram uma onda de terror. O sistema de transporte coletivo foi o alvo principal, mas também foram registrados tiros contra uma delegacia. O comércio fechou mais cedo. Quatro suspeitos estão presos. O Estado vai apela por ajuda ao Ministério da Justiça.

c) Sexta noite de ataques com motim no PEP e ônibus queimados no RN (Blog do BG – site)

No município de Dix-Sept Rosado, três ônibus escolares foram incendiados. Também na região Oeste, um veículo foi queimado próximo a delegacia de furtos em Mossoró. Já no Seridó, um carro-pipa foi incendiado em Caicó.

d) Três são mortos em Alcaçuz. Suspeita recai sobre facção (Tribuna do Norte, 09 de agosto de 2016 – mídia impressa)

A charge é sempre um resultado social, a partir da qual se discutem assuntos polêmicos, políticos, e, evidentemente, sociais. Para que haja um bom entendimento, deve haver, sobretudo, boa informação do leitor para poder inferir sentidos e fazer leituras proficientes sobre as dadas situações.

Por se tratar da charge um gênero cujo padrão de humor é presente devido à sátira, é interessante notar que a marca do autor está presente, como atesta Bakhtin (2011, p. 265-266): “Na imensa maioria dos gêneros discursivos (exceto nos artístico-literários), o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como um objetivo seu, mas é, por assim dizer, um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar.”

No caso da charge, percebe-se, inclusive, um forte apelo argumentativo, uma vez que o estilo individual do artista pode apresentar traços políticos fortes de sua intenção comunicativa, argumentando em favor de algo ou de alguma situação. Koch (2016, p. 183) afirma que “argumentar significa apresentar dados, explicações, razões etc. que fundamentem uma afirmação, uma tomada de posição, um ponto de vista, uma tese.” Na charge, o chargista apresenta o recorte de um ponto de vista social dado por ele, levando ao outro o seu posicionamento sobre o que se pontua socialmente.

Com o poder de atrair para a crítica através do riso que se julga fácil, do raciocínio que se tem de determinados assuntos, a charge cumpre, também, com o papel de argumentar, como esclarece Romualdo (2000, p. 15) ao dizer que o gênero pode ser mais denso do que outros textos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

opinativos e aborda a possibilidade da troca da leitura: “O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos.”

Assim, cabe ao chargista pautar a sua marca pessoal nos seus desenhos, provocando no leitor sentidos de diferentes óticas, mas que, pelo viés subjetivo, pode ser interpretado com interações de cunho político, religioso ou social diverso.

Para as charges analisadas, o leitor deve ter o conhecimento prévio da situação da segurança do estado; que a onda de violência e motim no Presídio Estadual de Parnamirim/RN coincidiu com a propagação do *game* “Pokémon Go”; que a medida protetiva da Secretaria de Segurança do Estado decidiu montar uma estrutura bloqueadora do sinal de telefonia celular nos presídios do estado; que a onda de insegurança se espalhou através de áudios na rede social *whatsapp* de tal forma que as pessoas ficaram inseguras a ponto de não saírem de casa.

A linguagem verbal é verificada nas duas primeiras, sendo que, na primeira, a palavra “medo” faz parte da linguagem não verbal, servindo para ilustrar a grade que prende a família em casa.

Na segunda, o texto escrito pelos próprios presos caricaturados no desenho com uma mão colando cartazes faz menção a outro gênero textual, o anúncio, conhecido do público carcerário ou não, mas que, na natureza fictícia da charge, são eles próprios quem fazem a propaganda. A linguagem verbal, nesse caso não é mera coadjuvante, ela tem importante participação para o entendimento da charge.

Esses textos podem ser trabalhados em sala de aula para discutir aspectos da segurança local e nacional, além de servir de base para outras discussões subjacentes, como o terror provocado pelos boatos transmitidos pela população; o suporte da segurança nacional para os estados; a influência do celular na vida carcerária; o aplicativo do “Pokémon Go” como um subsídio de entretenimento da nossa sociedade e dos presos, dentre outras possibilidades que podem ser suscitadas por inúmeros leitores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O nosso objetivo é, meramente (embora não seja tão reducionista quanto parece), transmitir ao leitor (seja ele docente ou discente, interessado na aula de língua materna contemporânea) a importância de se avaliar a situação local a partir do gênero charge.

Além disso, a reflexão aqui proposta tem o intuito de despertar, no professor de língua materna, o interesse no gênero “charge”. A proposta é, pois, uma tentativa de melhorar o ensino a partir de práticas discursivas da linguagem. Como a charge é um gênero de fácil acesso, embora um pouco complexo por se requerer um conhecimento específico prévio, ela instiga um movimento de interpretação e leitura que traduz inúmeros significados para a sala de aula.

Para Bakhtin, a compreensão ativa requer uma atitude responsável do leitor e a charge põe o leitor diante de uma atitude participativa, pois ele tem de reconhecer situações prévias à leitura a ser empreendida no texto. A escolha das charges e o contexto histórico podem situar uma melhor compreensão do texto e da reflexão social.

Vê-se, por fim, que a charge pode ser mais contundentemente argumentativa do que qualquer outro texto argumentativo, valendo-se dos textos discursivos da própria sociedade, sendo, ainda, um gênero discursivo interativo e que depende de outras leituras igualmente sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. (Série Aula;1)

_____. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Estratégias de ensino;1)

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Angela Paiva Dionisio, Judith Chambliss Hoffnagel (organizadoras); tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel; revisão técnica Ana Regina Vieira... [et al.] – 4.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

CARVALHO, DJota. *A educação está no gibi*. [ilustração de Bira Dantas]. – Campinas, SP: Papirus, 2006.

ESPINDOLA, Lucienne. *A charge no ensino da língua portuguesa*. Letr@ Viv@ UFPB. 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Educação linguística; 2)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ROMUALDO, Edson Carlos. Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. T Maringá: Eduem, 2000.

Sites:

Sorriso pensante:

<http://www.ivancabral.com/2016/08/charge-do-dia-medo.html>

<http://www.ivancabral.com/2016/08/charge-do-dia-bloqueio-de-celular-nos.html>

<http://www.ivancabral.com/2016/08/charge-do-dia-proibido.html>

Jornais:

Manchete de capa. *Tribuna do norte*. Natal, CAPA, 30 de jul. de 2016. (mídia impressa)

www.novojornal.jor.br/

www.blogdobg.com.br